



Jikkai - Os Dez Mundos

Agradecimentos

Primeiramente eu gostaria de agradecer à minha família, que nunca mediu esforços pra dar o que eu tenho de mais importante em minha vida, educação. Todos eles tiveram um papel muito importante em meu desenvolvimento.

Mãe gostaria que soubesse da minha enorme admiração por ti, por todas as broncas e conselhos que me direcionaram para que eu pudesse me tornar uma pessoa melhor. Pai, sua enorme e respeitável trajetória de vida só me dá orgulho e é um exemplo a ser seguido, por mais que tenha sido difícil, isso só fez você crescer e mostrar a todos que é possível vencer. Yuri, agradeço por todas nossas conversas e discussões durante todos esses anos, nas viagens quase toda semana pra São Paulo, que só me acrescentaram boas e construtivas teorias. Márcio, agradeço por ter me incentivado e mostrado o curso de Design, por todos esses anos morando juntos, pelas bebedeiras e sua alegria de viver me fizeram refletir que não é preciso muito para ser feliz. Maurício, agradeço pelo esforço por ter me ajudado diretamente com suas músicas e sua sensibilidade de sentir e transferir nas melodias exatamente o que faz tocar as pessoas.

Queria agradecer à Jú, porque sem ela esse trabalho não teria saído, por todo o tempo que dedicou a mim, pelas conversas e companheirismo em todos esses anos, que me fizeram amadurecer.

À minha analista que me direcionou e me fez enxergar a vida de uma outra maneira.

Gostaria de agradecer a todos da minha sala, que de um modo ou de outro tiveram seu papel no meu desenvolvimento, acredito que para a maioria delas eu já escrevi sobre meus sentimentos (caderninhos do coração, acho que vocês sabem do que eu estou falando, heheheh). À Naumteria e todos seus integrantes, que tiveram um papel muito importante na minha formação e me ensinaram a ter responsabilidade e aprender a lidar com as pessoas.

Queria agradecer ao Hildo que teve um papel muito importante nesse trabalho, sem ele, a parte elétrica dos sensores não teria acontecido, além da ajuda na parte de montagem. Ao Silas do departamento de robótica, que me deu uma luz na parte dos circuitos. Ao Boca, Brunão, Julião e Chico, que desde o começo se interessaram pelo projeto e me fizeram acreditar que iria dar certo. Ao Jorge que fez o carro, ao E-Honda que me deu carona quando precisei.

Ao Paulo e à Natália do laboratório de Madeira, sem os quais, seria

muito difícil a conclusão deste projeto, que me deram muitas re-
galias, abriram algumas exceções, deram dicas para melhorá-lo e me
auxiliaram no que poderia ser feito.

Ao Muga, ao Laronga e ao Xandão que me ajudaram na parte da ex-
posição e montagem. Ao SESC por ter cedido o espaço para que nós
pudéssemos levar esse projeto à mais pessoas e fazer com que elas
se interessassem mais pela arte.

Aos meus amigos que me ajudaram de alguma forma, carregando
madeira (citaria bastante pessoas, mas tenho medo de esquecer al-
guém heheh) ajudando na colagem (Gordão), parafusamento, etc...

Ao queixinho que me proporcionou ótimas conversas durante todo o
curso, e que sempre me ajudou quando precisei.

Ao Dorival que me proporcionou um olhar diferente sobre o Design.

E a todos meus amigos que de alguma maneira me ajudaram nessa
caminhada.

Introdução

Há sombras nas trevas, mas as pessoas não conseguem discerni-las. Há trilhas no céu por onde os pássaros voam, mas as pessoas não as reconhecem. Há caminhos no mar por onde os peixes nadam, mas as pessoas não os percebem.

Nitiren Daishonin

Dentre tantos estudos empreendidos em busca de explicações para o sentido da vida e da existência, algumas obras podem fazer toda diferença nas formas de conceber a realidade durante a formação de Designer. Entre obras e autores, alguns receberam atenção especial, seja pelas respostas que trouxeram, seja pelas perguntas inquietantes que nos fizeram.

Dentre essas obras, a teoria dos devires de Deleuze e Guattari¹, é uma das que podemos citar. Segundo o Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia de André Lalande, o devir pode ser compreendido como “uma série de mudanças de modos de Ser”², e podemos dizer que a teoria de Deleuze e Guattari não se opõe a essa definição que aproxima o devir da transformação e da mutabilidade.

Podemos conhecer a ideia de Devir enquanto uma realidade ou ainda, mais que isso, enquanto a própria consistência do real. Segundo Zourabichvili (2004), o devir pode ser entendido a partir da compreensão de sua lógica:

“Não se abandona o que se é para devir outra coisa (imitação, identificação), mas uma outra forma de viver e de sentir assombra ou se envolve na nossa e a “faz fugir”. A relação mobiliza, portanto, quatro termos e não dois, divididos em séries heterogêneas entrelaçadas: x envolvendo y torna-se x’, ao passo que y tomado nessa relação com x torna-se y’.”
(p. 24)

Assim, podemos compreender que uma coisa não se torna outra a não ser que entre em contato com um outro, que também muda. Podemos dizer então que o território de existência de conceitos como o Devir de Deleuze e Guattari é o da indiscernibilidade, a saber, onde é a própria relação que une dois termos é o que os constituem, em movimento dinâmico, complexo e recíproco.

¹DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, volume 4.

²LALANDE 1999, p. 253

O devir pode ainda ser compreendido como algo em potência, ou seja, algo que, na interação de um fenômeno a outro, se realiza. Essa noção de potencia, assemelha-se ao conceito de virtual proposto por Pierre Levy.

Segundo Pierre Levy, o virtual é justamente aquilo que existe como potência. Assim, ao contrário do que muito se discute no senso comum, o virtual se opõe, não a realidade, mas antes à atualização. O conceito de Levy acerca da atualização corresponde a uma criação, ou ainda, uma "invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades". Assim a virtualização se opõe a isso no sentido de que não é um resultado, uma solução, mas algo como uma mudança de entidade, esta, deslocada no espaço. O virtual é concebido como potência:

" O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está presente virtualmente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual."
(LEVY, 1996. p. 15)

Qualquer projeto que trabalhe a questão da virtualidade, deve levar em conta considerações como essa, visando ser em potência, ou seja, colocar-se no mundo de forma instável e dinâmica, podendo assumir significados diversos na interação com pessoas ou outros objetos. Segundo Levy (1996), sistemas denominados "realidade virtual" são aqueles que permitem a experiência da integração dinâmica de diferentes modalidades perceptivas. O resultado é algo como quase reviver uma experiência sensorial de outra pessoa de maneira completa.

Com relação à experiência, não podemos deixar de citar a perspectiva interacionista proposta por Lygia Clark. Suas ideias compreendem o espaço através da experiência do sujeito que nele vive, assim a relação entre o espectador e a obra é radicalizada, a medida que aquele deixa o lugar de contemplação para agir através de sua vivencia corporal desse. Assim, o espaço vivido é compreendido a partir da experiência do sujeito, propondo novas formas de expressão para além das representações planas. Suas obras passam a convidar o expectador para experiências táteis e motoras na relação com as obras, que gera campos para expressão e novas formas de compreensão. Podemos citar como exemplo, os "Bichos" que surgem do rompimento dos "Casulos"³, configurando-se como nova forma de interação espectador-obra, agora participante-obra. Podemos dizer que esta obra de Lygia Clark pode ser compreendida como virtual. Segundo Milliet (1992):

"O 'bicho' contém em si virtualidades não previstas pelo criador; entretanto, é da conjugação dos gestos de quem o manipula, com sua potencialidade intrínseca, que cria vida. Nesse jogo, nesse corpo-a-corpo, estou envolvida ao tentar compreendê-lo e fruí-lo" (p. 14).

Assim, percorremos o caminho de desconstrução dos objetos para a compreensão da relação do participante com a obra como ponto fundamental de partida para um projeto que pretenda discutir conceitos como devir, virtualidade e interação.

Da mesma forma, os estudos acerca da teoria budista encaminham a discussão para algo semelhante. A ideia de Estados de Vida proposta por essa filosofia cabe como forma de compreensão especial de conceitos como esses.

Segundo Santos (2003), a teoria budista compreende os Estados de Vida enquanto condições de vida sentidas pelo ser humano: "é uma análise dos fenômenos que uma vida manifesta no decorrer de sua existência" (p.100). A expressão Estados de Vida representa ainda o que originalmente consideravam-se os diferentes mundos, lugares onde cada ser humano renascia em cada uma de suas existências. O que se pode compreender de maneira geral é que a ideia dos estados de vida segue uma lógica de atualização: todos eles existem em potência dentro de cada ser vivente e um deles sempre emerge em meio aos outros. Quando um estado se atualiza, a vida muda, ou seja, esse ser experiencia uma nova forma de vida. Além disso, a teoria budista propõe que cada estado conteria em si todos os outros. A complexidade dessa teoria dos Estados de Vida ou Teoria dos Dez Mundos demanda investigarmos com maior cuidado cada um deles.

Do Budismo

Segundo Daisaku Ikeda⁴, presidente da Soka Gakkai Internacional, pode-se considerar a teoria dos Dez Mundos como uma classificação subjetiva da energia vital que está sempre mudando, todavia, compreendê-los demanda análise profunda, uma vez que seu ingrediente primordial é a sensação, compreendida não sob seu aspecto sensorial, emocional ou espiritual mas, antes disso enquanto "sensação subjetiva do 'eu' na profundidade da vida."

Para realizarmos essa tarefa de buscar compreender os Dez Mundos, analisaremos um a um, de forma crescente, ou seja, do mais baixo ao mais alto estado.

³Em 1960, Lygia cria a série "Bichos": esculturas, feitas em alumínio, possuidoras de dobradiças, que promovem a articulação das diferentes partes que compõem o seu "corpo". O espectador, agora transformando em participante, é convidado a descobrir as inúmeras formas que esta estrutura aberta oferece, manipulando as suas peças de metal." (Bibliografia – lygiadark.org.br)

⁴Filósofo, escritor, fotógrafo, poeta e líder budista.

Jigoku ou Estado de Inferno

É compreendido como um estado completamente destituído de liberdade, no qual a pessoa se encontra numa situação de total sofrimento. A propriedade de jigoku é, em si mesma, tormento e angústia. Segundo Daisaku Ikeda (1980) o ser humano que se encontra no estado de Inferno experiencia completa falta de liberdade, no sentido de desse “eu” agonizado ser incapaz de influenciar o ambiente, ou vislumbrar o futuro de maneira esperançosa, seja por problemas físicos ou espirituais.

“Uma poderosa energia vital está originalmente em nossa vida. A força toma várias formas e é manifestada como o impulso indispensável e desejo instintivo para manter a vida, e uma variedade de componentes mentais dignos de um ser humano. Além disso, as pessoas, por esta influência, vêm a despertar aos sentimentos de afeição, sede pelo conhecimento e simpatia. Pelo contrário, há alguns casos em que a força age para criar os impulsos da agressão, destruição e inveja. Em qualquer evento, a energia vital traz diversas atividades vitais e faz as pessoas andarem em vários caminhos por todas as suas vidas. Uma pessoa numa condição infernal, contudo, dificilmente pode manifestar tal energia vital de dentro de si mesma e está condenada a sofrer de angústias indescritíveis.” (IKEDA, 1980. p. 28)

Portanto, podemos compreender o estado de Inferno como uma condição de opressão pela agonia. Nesse estado o sujeito se vê desprovido de ações e, nessas condições dificilmente encontrará realização e valor. Todavia, deve-se compreender que a energia vital do homem é considerada inexaurível. Mesmo que, no estado de Inferno, o sujeito experiencie a pior condição de vida, ainda assim não perde sua esperança de viver.

Gaki ou Estado de Fome

O estado de Fome pode ser entendido enquanto uma condição de vida onde o ser encontra-se controlado por desejos egoístas. Tanto no âmbito físico quanto espiritual, a pessoa que experiencia esse estado vive de maneira instintiva, muitas vezes colocando como norte para suas ações a autopreservação e a da espécie. Segundo Kitagawa (1980) "Há desejos por alimento, sexo, sono ou vida coletiva". Diz-se ainda desse estado que incluiria desejos de posse de objeto, no sentido de que o ser busca mostrar-se superior aos demais. Além desses atribui-se a esse estado desejos como poder, domínio, honra, autoafirmação e auto revelação. Retomamos aqui a ideia de que esses desejos são intrínsecos ao viver humano, todavia podem ou não emergir. Segundo Kitagawa (1980) deve-se atentar para a natureza desse estado:

"Devemos reconhecer, todavia, que Gaki em si mesmo é um estado infeliz e miserável que é subjogado por desejos avarentos". (p. 37)

Tikusho ou Estado de Animalidade

O estado de animalidade compreende a emergência de comportamentos completamente controlados por impulsos instintivos. Ikeda (1980) ressalta a impossibilidade de que esses desejos sejam simplesmente extintos da existência humana, distanciando o ser humano da iluminação:

"Analisando os componentes mentais envolvidos nas atividades vitais humanas, há a razão, consciência, amor e benevolência em adição aos vários desejos que discutimos até aqui. Quando os nossos desejos instintivos são habilmente manipulados por estes outros fatores mentais e são satisfeitos, podemos manifestar dentro deste processo as condições vitais que merecem ser chamadas humanas". (IKEDA, 1980. p. 39)

Podemos entender então que a luta pela sobrevivência do homem é justamente essa luta pela existência para a satisfação do instinto. A vida sob influência direta do instinto levaria os seres à ruína, uma vez que nos tornaríamos incapazes de controlar nossos destinos conscientemente e de melhorar as condições miseráveis do viver em que nos encontraríamos. Ikeda (1980), para explicar melhor essa ideias, retoma as ideias de Nitiren Daishonin de uma carta escrita em 1272:

"Os peixes num lago desejam viver em segurança e, deplorando sua pouca profundidade, cavam buracos no fundo para se esconder. Iludidos pela isca, contudo, engolem o anzol. Os pássaros numa árvore temem que seja muito baixo e escolhem seus ramos superiores para viver. Encantados pela isca, contudo, são apanhados em armadilhas". (IKEDA, 1980. p. 41)

Assim, o ser que se coloca a viver apenas em função da satisfação de seus instintos pode perder a sabedoria em lidar com novas situações, ficando preso e correndo riscos.

Shura ou Estado de Ira

O estado de Ira não pode ser considerado uma condição essencial para a vida humana, ainda assim se diferencia dos estados que até aqui foram discutidos porque, neste estado, o ser encontra-se consciente. Ikeda (1980) descreve esse estado enquanto um ego egoísta:

"Este estado torna as pessoas surdas às outras ou aos seres vivos, e leva-as a buscarem ardentemente o lucro pessoal e suas próprias metas". (p. 43)

O desejo predominante da emergência do estado de Ira é o desejo pela existência, um desejo consciente e egoísta. Podemos citar como exemplos de desejos que esse estado abrange os desejos de vencer, de ser superior, de alcançar vaidades. Inclui-se ainda desejos como de agressão e destruição. Segundo Ikeda (1980) as emoções do estado de ira podem ser consideradas como violentamente enfurecidas.

Nin ou Estado de Tranquilidade

Segundo a teoria budista o homem é definido como um ser no mundo de Nin, ou seja, essa condição pode ser considerada natural do ser humano – um estado humano. A palavra Nin significa algo como “seres pensantes”. Segundo Ikeda (1980) essa condição pode parecer a mais pacífica, calma e passiva entre os estados de vida, mas não se pode deixar de ter em mente que todas essas condições são extremamente dinâmicas. A análise da vida diária permite perceber as ondulações emocionais e também momentos de calma e passividade. Podemos entender que o que marca o estado de tranquilidade é o senso moral, o pensar racional, a expressão de um julgamento justo ou ainda o controle dos desejos instintivos por meio da razão, aproximando-se do que é ser humano. Ikeda (1980) explica:

“Afim de desfrutarmos de uma vida tranquila digna de um ser humano, os pré requisitos devem ser a razão, uma aguda visão baseada em profunda sabedoria, uma pura consciência para discernir o bem do mal, e um férreo desejo de vencer todas as dificuldades. Adicionadas a estas, as condições intrínsecas para avançar são a vontade para se desenvolver em direção ao futuro, os sentimentos humanos e outros”.
(IKEDA. 1980. p. 51)

Citando Risse Abidon Ron, uma escritura budista, Santos (2003) afirma que segundo a teoria budista existem oito características que são componentes do ser humano. São elas: inteligência, caráter, consciência, julgamento correto, sabedoria, capacidade de distinguir o verdadeiro do falso, possibilidade maior de atingir a iluminação e boa sorte desde as existências passadas. Esse caminho humano é denominado manushya que em sânscrito quer dizer justamente “uma criatura que pensa”.

Ten ou Estado de Alegria

O estado de alegria pode ser entendido como uma condição de contentamento. Segundo Santos (2003) existiriam vinte e oito céus nesse estado: seis no Mundo do Desejo, onde a alegria é expressa pelo prazer abstrato que a pessoa sente quando suas vontades imediatas são satisfeitas; dezoito no Mundo da Forma, onde a alegria incluiria o bem estar, à saúde e energia, ainda que bastante ligados ao mundo material; e quatro no Mundo da Não-Forma onde a alegria é representada pela satisfação espiritual.

Todas essas alegrias podem ser consideradas passageiras, desaparecendo com a mudanças nas circunstâncias de vida do ser humano. Kitagawa (1980) explica esse estado:

"No mundo de Ten ou Alegria, contudo, sentimos como se toda nossa vida estivesse extremamente flutuante. É um estado onde as expressões como "com passos leves" ou "como se estivesse no céu" são deveras apropriadas. Este sentimento não é consciente mas, provavelmente, subconsciente. Em resumo, sentimo-nos como se os sentimentos alegres e refrescantes preenchessem os domínios mais profundos da vida submersos na nossa consciência. Parece que estes sentimentos não são nem emocionais, nem sensoriais ou espirituais". (KITAGAWA, 1980. p. 55)

Disso entendemos que os sentimentos desse estado são produzidos quando o ser humano está em excelentes condições de vida, com energia vital preenchendo-lhe o ser. Assim, falar em alegria, para o budismo, vai muito além de falar da sensação.

Nijo ou os estados de Shomon (conhecimento) e Engaku (absorção)

A teoria budista descreve as quatro condições de vida mais elevadas como os “quatro nobres caminhos”, que são: “Shomon” (Conhecimento); “Engaku” (Absorção); “Bossatsu” (Bodhisattva); e “Butsu” (Estado de Buda).

Shomon e Engaku possuem muitas características em comum, por isso são agrupados e coletivamente chamados “Nijo”.

“Nijo” tem como característica considerar a transitoriedade das coisas, buscando sempre algo que esteja além desse mundo. Citando Daishonin em seu Tratado sobre o objeto de adoração, Ikeda escreve: “Todos os fenômenos neste mundo são incertos e rápidos. A razão pela qual podemos reconhecer esta transitoriedade é porque o Estado de “Nijo” existe nos seres humanos”(p.80)

O estado de Shomon não é privilégio de estudiosos. Pessoas com atitude modesta de busca da compreensão e assimilação das experiências e conhecimentos de outras pessoas, também podem experimentar essa condição. Essas pessoas são denominadas “Shokuho Gaki”. Muitas pessoas podem sentir-se confusas em relação a isso, uma vez que, por exemplo no estado de fome o ser se encontra em busca de algo, mas utiliza-se das respostas que encontra para apenas satisfazer desejos egoístas. Em contrapartida, o estado de Shomon é justamente a condição na qual a pessoa usa o conhecimento para o crescimento espiritual e para o desenvolvimento da humanidade. O estado de Engaku faz referência a todos os fenômenos da vida. Qualquer acontecimento da natureza ou da vida humana pode se tornar meio para que o “eu” consiga se realizar: “Até mesmo a fumaça que cobre o céu inteiro, um peixe deformado pela poluição, ou o odor desagradável de um rio poluído que flui, podem ser concebíveis como meio de realização para uma mente fervorosamente inquiridora (IKEDA, 1980. p.81-82).

Podemos entender então que o estado de Nijo compreende condições para o conhecimento e a evolução. Ikeda (1980) destaca que, nesses estados, os seres humanos estão empoderados para agir tanto para o bem como para o mal, uma vez que desenvolvem uma gama muito variada de conhecimentos sobre si mesmos e sobre o mundo. Sendo

assim, além de possuírem um poder revolucionário, essas pessoas podem também exercer grandes forças de destruição, em um nível completamente diferente do potencial destrutivo de pessoas em estados mais baixos.

Bossatsu ou Bodhisattva

Segundo Santos (2003), Bodhisattva significa originalmente “aquele que corajosamente aspira iluminação”. Assim, esse estado é conhecido pelas ações altruístas dele características. É uma condição onde o sentimento da compaixão é extremamente emergente, ao ponto de as pessoas nesse estado cogitarem dar a própria vida para salvar outros de sofrimento, com vistas sempre a iluminação através da prática budista. Ikeda (1980) explica:

O eu da vida está num estado de bodhisattva somente quando uma sabedoria natural e envolvente, o amor, um forte desejo, o entusiasmo e a coragem de enfrentar quaisquer obstáculos estão fundidos com a energia de “Jihi” para desempenhar a função unificada da benevolência altruística. (IKEDA, 1980. p.92)

A prática altruísta proporciona o ganho e o desenvolvimento de conhecimentos que são considerados como manifestação da sabedoria de Buda. Essa sabedoria existe de forma inerente nas próprias pessoas. Essa condição de Bodhisattva contém entre seus elementos o poder de benevolência e de um desejo dirigido para a resolução e para o auxílio dos que sofrem.

Butsu ou estado de Buda

Santos (2003) afirma que, segundo a teoria budista, o Estado de Buda pode ser entendido enquanto uma condição de liberdade perfeita e absoluta. É o estado em que se compreende o Caminho do Meio – a realidade da vida. Citando Nitiren Daishonin na escritura “Kanjin-no Honzon Sho”, Ikeda (198) afirma a dificuldade de revelação do estado de Buda e que, como os demais estados se mostram existentes na realidade da vida humana, a teoria budista entende que deve-se acreditar que esse estado também exista dentro das pessoas, e explica:

" Expressar a totalidade do estado de Buda é extremamente difícil; portanto, do fato que os outros novos mundos na realidade existem dentro de nossas vidas, Nitiren Daishonin deseja que creiamos na existência da natureza de Buda." (p. 101-102)

O Estado de Buda é portando uma condição de imparcialidade, mas dotada de grande sabedoria sobre os fenômenos do universo. A iluminação decorrente dessa sabedoria penetra todas as esferas da vida humana, ou seja, compreende-se os fenômenos da sociedade, cultura, política, economia, conhecimento e da educação, além da própria vida humana em si. Aquele que alcança esse estado é conhecido como Buda e isso é algo que deve ser esclarecido. Buda é a pessoa que alcança essa visão aguda sobre todos os fenômenos e âmbitos da existência humana. Primeiramente pode-se pensar que uma pessoa com nessa condição de Buda é simplesmente alguém dotado de bom senso. Mas, segundo Ikeda (1980), deve-se entender que essa pessoa é , para além de correta ou apropriada, alguém integral, com extremo senso de responsabilidade e grande crença, que desenvolve com as pessoas relações amigáveis, sendo além disso, rico em compaixão, sabedoria e criatividade. Citando Ikeda (1980):

"A nossa energia vital do estado de Buda que por si mesma se esforça para alcançar o universo inteiro dará origem a uma reação em cadeia de iluminação em todas as pessoas.

A primeira pessoa que atingir o estado de Buda é semelhante ao primeiro átomo que dispara uma reação de fissão nuclear. Seu puro e profuso fluxo vital penetra em toda a sua família, fazendo com que todos seus membros passem por uma notável mudança nas profundezas inconscientes das suas vidas.

Quando uma família ganha assim uma nova vida, pode influenciar todas as que têm relações com ela. O fluxo vital do estado de Buda será canalizado aos vizinhos, colegas de trabalho e de escola, e finalmente através destes condutos, alcançará o governo e as indústrias da nação. Tal como a grama ressequida é restaurada à vida por uma benevolente chuva, ou uma caravana sente-se refrescada num oásis, todas as pessoas e seu ambiente serão repletos de alegria de viver e de força de vida, quando se encontrarem no fluxo vital do estado de Buda.

O fluxo vital envolve tanto as pessoas com o seu ambiente - uma família e seu lar; vizinhos e sua comunidade; operários e o seu serviço; doutores, enfermeiras em seu hospital; educadores e alunos na escola; as dos círculos legais e suas cortes; estadistas e o governo nacional. Influenciadas completamente pela compaixão universal, todas as pessoas e lugares começam a desenvolver suas próprias qualidades e caracteres, vibrando devido a sua base de estado de Buda."

Jikkai – Os Dez Mundos

No sentido de tentar elaborar formas de compreensão desse caminho de iluminação até aqui discutidos propomos então o desenvolvimento do projeto Jikkai, com o objetivo de constituir formas de experiência dos diferentes estados de vida, a partir de instalações interativas. Podemos dizer ainda que esse projeto visa empreender a tarefa de provocar as mais diversas sensações naquele que com ele interage para que, assim, possam ser despertadas reflexões sobre a vida e seus sentidos e formas –de existência. Podemos sintetizar os objetivos e anseios do projeto Jikkai com uma frase proposta por Lygia Clark no filme “O mundo de Lygia Clark” (1973), de Eduardo Clark :

“Se a pessoa, depois de fazer essa série de coisas que eu dou, se ela consegue viver de uma maneira mais livre, usar o corpo de uma maneira mais sensual, se expressar melhor, amar melhor, comer melhor, isso no fundo me interessa muito mais como resultado do que a própria coisa em si que eu proponho a vocês”.

Processo e Produtos

Com o conceito quase que totalmente definido, passei para a etapa de desenvolvimento do produto. A complexidade na escolha de caminhos era algo que não poderia ser ignorado. Primeiro, as ideias tangenciaram algo da parte gráfica: uma animação ou ilustração. Em seguida, as leituras que vinha fazendo me levaram a pensar em algo ligado à educação. Por fim, percebi que estava diante de uma tarefa que merecia todo o meu empenho e dedicação e que, portanto, deveria ser algo que me agradasse fazer, que fosse prazeroso e desse resultados produtivos.

Pensei em algo que pudesse ligar tecnologia ao uso de materiais brutos como madeira. Essa ideia de trabalhar com madeira sempre esteve presente na minha criação e formação. Desde muito cedo, gostava de construir e inventar coisas, em um antigo barracão, onde meu tio-avô trabalhava.

Entre as pesquisas que empenhei para definir os objetivos e rumos do processo de criação e construção, uma frase despertou minha atenção:

"A arte ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos às coisas. Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os criando para novas possibilidades. A arte pede um olhar mais curioso, livre de 'pré-conceitos', mas repleto de atenção" (CANTON, 2009, p. 12-13)

A partir de referenciais como esse, um novo olhar sobre os objetos pôde se desenvolver. Nesse ponto, os estudos em semiótica permitiram um aprofundamento especial dos conteúdos, assim como a continuidade de estudos em filosofia budista. Em um momento da pesquisa as duas coisas se uniram, o referencial budista ofereceu o conceito de estado de Buda, e de caminho para a iluminação. Assim, a ideia da lâmpada apareceu imediatamente, no sentido de que é um objeto representativo de criatividade.

Pensar nisso permitiu que pudesse empreender uma nova tarefa: a de tentar ressignificar o objeto lâmpada, conferindo-lhe nova função. E foi então que da imagem de criatividade, de ebulição de ideias, a lâmpada passou para um objeto que contém água e luz, em processo de ebulição.

O processo – lâmpada.

Para concretizar a ideia foram necessários diversos movimentos de construção e desconstrução do objeto.

Em primeiro lugar, iniciei uma sequencia de testes para conhecer melhor o objeto lâmpada. Comecei retirando a base, e encontrei um pequeno duto que dava acesso ao bulbo. Em seguida pensei que o diâmetro desse duto talvez correspondesse ao de uma mangueira de aquário. Assim, a ideia de colocar água na lâmpada e fazê-la borbulhar tomou forma.



A mangueira de aquário, por sua vez, não deu certo. A água vazava e impossibilitava o projeto. Nesse ponto pensei em estratégias de vedação, para minimizar o problema com os vazamentos. Tentei utilizar silicone para isso, mas também não funcionou.



Por fim, acabei encontrando uma mangueira com diâmetro diferente, que encaixou perfeitamente e o problema estava solucionado. Nesse momento uma saída de escape seria necessária, então surgiu a ideia de furar as lâmpadas. Utilizei brocas diamantadas e uma retífica.



O segundo passo foi impedir que a água voltasse, então iniciei uma pesquisa sobre mecanismos de retenção. Encontrei válvulas que eram para caixas d'água, mas precisava de muita pressão. Por fim encontrei uma válvula que servia nas mangueiras de menor diâmetro. O terceiro passo foi o desenvolvimento de iluminação. O processo incluiu pesquisas em termos de que tipo de iluminação e ligação usar. O resultado foi a escolha por fitas de LED que configuravam um sistema de instalação mais simplificado.



Dando sequência ao processo, a próxima etapa incluía a necessidade de pensar uma espécie de suporte para as lâmpadas que, de alguma forma, fosse capaz de além de agrupá-las, completar o conceito que vinha elaborando. Neste momento, desenvolvi uma ideia de aliar a filosofia budista a algum elemento da natureza.

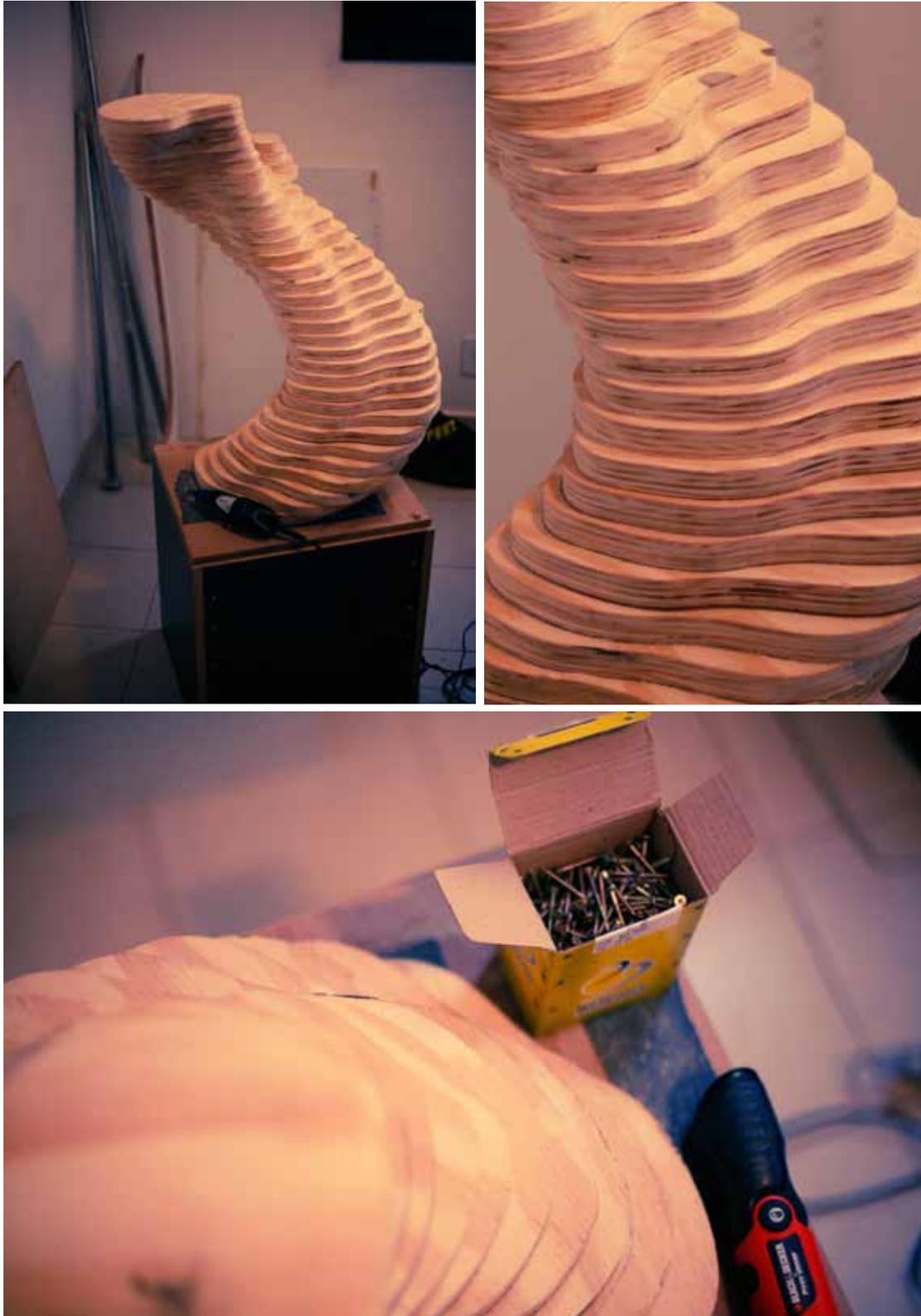
O primeiro que passou pela cabeça foi o conceito de árvore. Em inúmeros momentos na história a figura da árvore aparece ligada a situações de iluminação e conhecimento. Na história cristã, Adão e Eva eram proibidos de comer do fruto de uma árvore, que os levaria ao “conhecimento do bem e do mal”. Algumas histórias se tornaram populares, como a de Isaac Newton estaria sentado embaixo de uma macieira quando descobriu a Lei da Gravidade. Além disso, foi também sentado à sombra de uma árvore que Siddhartha Gautama atingiu a iluminação, tornando-se o primeiro homem a vivenciar o estado de Buda.

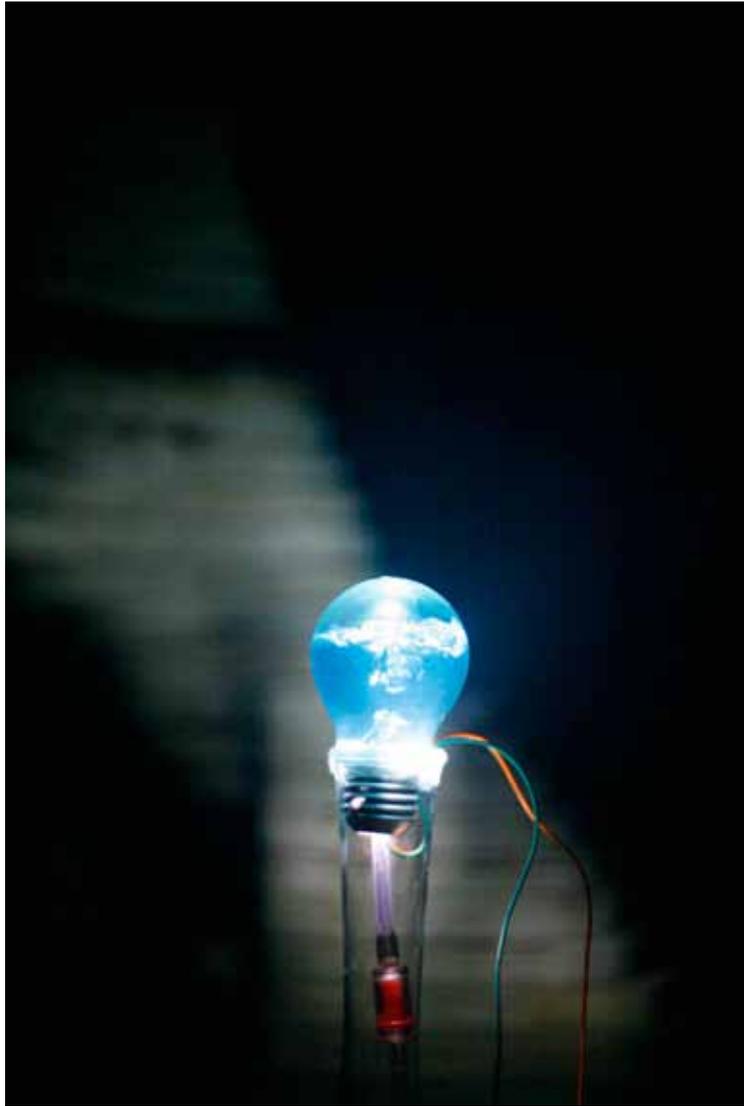
O processo – árvore.

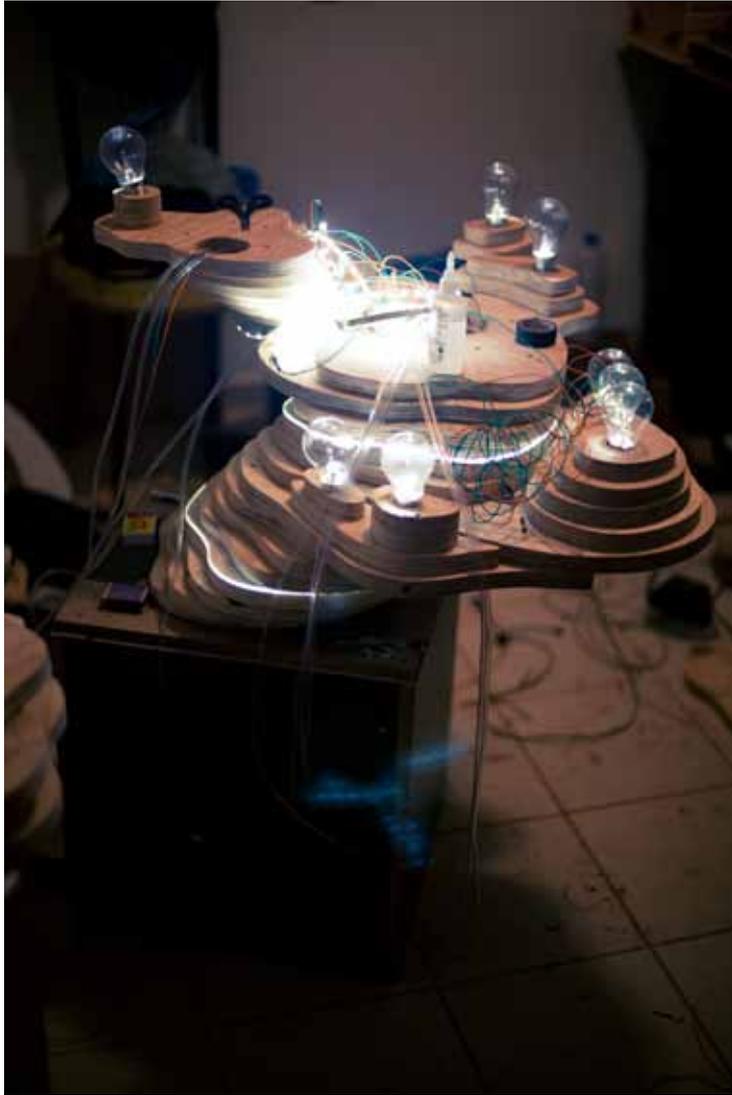
Diferente do processo de desenvolvimento das lâmpadas, que exigiram estudos e inúmeras experiências, a construção da árvore se realizou de maneira mais natural, menos planejada. As formas de madeira foram feitas sem projeto, apenas sendo recortadas de maneira improvisada.



O agrupamento das formas levou ao formato de uma coluna em movimento espiral, inspirada nas formas que os bonsais ficam com o passar dos anos. Os bonsais, inclusive, foram inspiração para outros elementos constituintes da instalação, como o banco que circunda a árvore, colocado na perspectiva de representar uma espécie de vaso para a árvore.

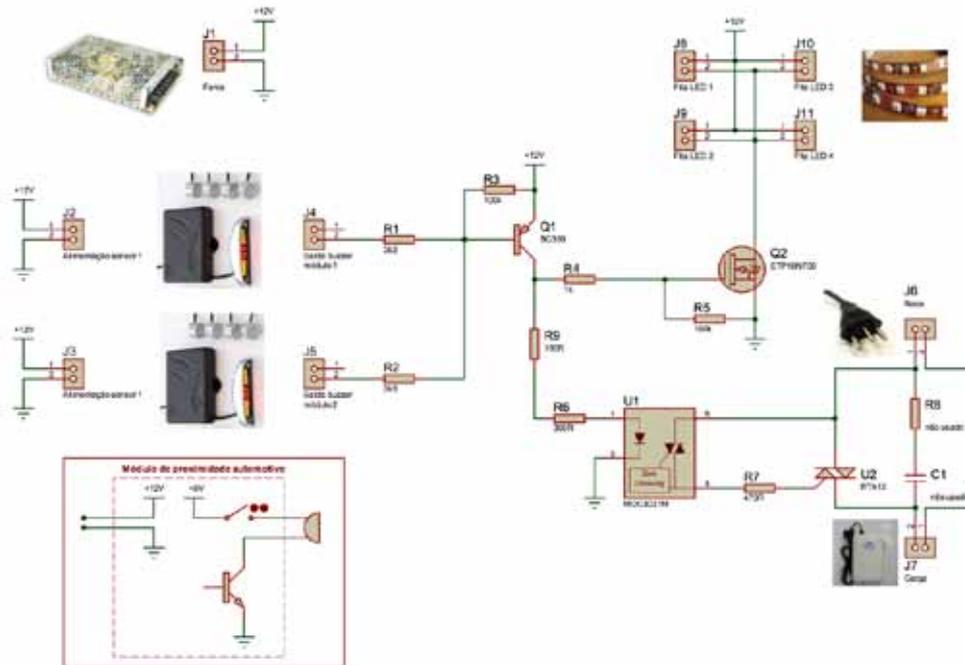








A construção da árvore, além de envolver questões como seu formato e os materiais, abrangeu o desenvolvimento de um sistema de sensores responsável por acender as lâmpadas à medida que alguma pessoa se aproximava. O sistema foi desenvolvido utilizando-se de "sensores de estacionamento" aliados à um conjunto elétrico.



Título: Acionador por presença	
Especificação: Acionador para a árvore	Página: 1 de 1
Autor: Hildo Guillard Junior	Data: 01/10/2011
	Revisão: 0

Por fim, nomeamos a instalação, a árvore passou a se chamar Butti. Com isso, a árvore passou a ser a representação dos estados de Shomon (Conhecimento), Engaku (Absorção), Bossatsu (Bodhisattva) e Butsu (estado de Buda). Resumindo as ideias, desenvolvi o seguinte descritivo para a instalação: "A vida pode ser compreendida a partir das grandes ideias, da iluminação. Dependendo do estado de vida, cada pessoa aproximando-se do conhecimento, no processo de ebulição de suas ideias, fica a cada passo, mais próximo dessa iluminação".



Os outros estados de vida.

Seguindo com a proposta de tentar provocar, nas pessoas, as sensações advindas de cada estado de vida e, como já havia desenvolvido algo que representasse os estados mais altos, passei a dedicar minha atenção na empreitada de criar algum objeto que pudesse ser representativo dos estados mais baixos da existência dos seres: Inferno, Fome, Animalidade e Ira.

Quando estudava acerca desses estados, sempre me vinha uma ideia de prisão, de um estado em que o homem se sente incapacitado de agir por sua consciência, mas movido por sentimentos que ele julga não controlar.

Foi então que tomei contato com o filme "O Anjo Exterminador", do diretor Luis Buñuel. O filme data de 1962 e conta a história de um grupo de aristocratas que, após um jantar formal, se veem presos na sala da mansão em que se encontravam. A grande questão no enredo é que não há barreiras físicas que impeçam os convidados de se retirar, mas eles, por algum motivo sentem-se presos por portas imaginárias. Conforme os dias vão passando, no filme, os personagens passam a se desfazer de convenções como normas de etiqueta e cada personagem começa a mostrar-se em suas mais primitivas e instintivas formas, mostrando conteúdos de animalidade e a prevalência dos instintos sobre os costumes.

Foi justamente a partir disso que consegui realizar a ligação necessária para a criação do objeto: assim como no filme, as pessoas que experienciam os estados mais baixos da teoria budista se veem incapacitadas de fazer o que quiserem, ou seja, sentem-se presas por algo que não existe na realidade.

Enquanto objeto, pensei em algo que se assemelhasse a uma prisão, foi então que tive a ideia de trabalhar com o objeto gaiola. Uma gaiola que fosse virtual, ou seja, cujas grades, na realidade, não existissem. Os passos para a construção da gaiola foram: primeiro pensar em um material que representasse essa virtualidade das grades e segundo desenvolver um sistema que possibilitasse a interação da obra com o participante para que, justamente percebesse a importância de sua ação sobre o mundo que o cerca. O objeto gaiola foi denominado Kijji e consiste em uma estrutura metálica que serve de base e suporte para o aro superior de onde saem lasers. O funcionamento dos lasers é condicionada à presença humana a partir de um sistema de sensores que a pessoa dispara ao se posicionar no centro da base. Para dar maior visibilidade ao raio de luz gerado pelos lasers, utilizei uma máquina de fumaça programada para disparar em determinados intervalos de tempo.



Um detalhe importante é que quando a pessoa entra na gaiola e “fecha o circuito” não só as grades aparecem, mas são também emitidos ruídos da parte superior, que tem a função de criar um isolamento acústico.

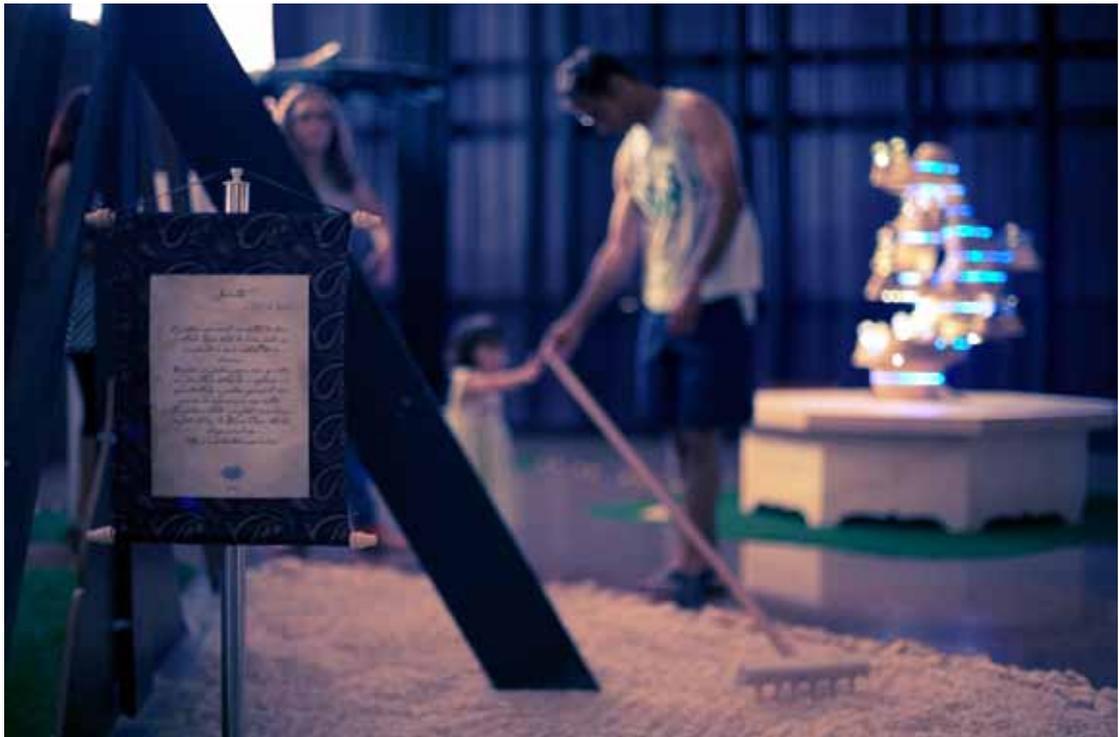
Resumindo as ideias, desenvolvi o seguinte descritivo para a instalação: Representação do humano em suas mais primitivas e instintivas formas, como fome, animalidade e ira, conhecidos na teoria budista como os estados mais baixos de vida. Além desses inclui-se o estado de inferno, onde o indivíduo se vê incapacitado de fazer o que quiser. Todavia deve-se compreender que este aprisionamento é da ordem da virtualidade, uma vez que é apenas sua forma de experienciar, no estado em que se encontra, a realidade que o cerca.



Para finalizar a ideia de materializar representações dos estados de vida, faltavam os estados intermediários, que são naturais da humanidade como Tranquilidade e Alegria. Para isso, inspirei-me em momentos que seriam comuns à todas as pessoas, ou seja, formas de expressão da alegria e da tranquilidade que pudessem ter sido experienciadas por todas as pessoas em suas vidas. Assim, pensei que talvez um objeto que pudesse representar isso seria um jardim. O jardim representaria o estado de tranquilidade. Esse modo de viver que, segundo a teoria budista, pode ser considerado o mais natural do ser humano.

O objeto que construí foi baseado nos jardins japoneses, que tem por finalidade estimular a reflexão e a espiritualidade. Pensei então em construir um "jardim zen" grande o suficiente para que os participante pudessem, não apenas manipulá-lo, mas se sentirem parte dele. O processo de construção do jardim incluiu a organização de pedras e a construção de um rastelo de madeira para que os participantes pudessem "desenhar" nas pedras, organizando e desorganizando o jardim, conforme estivessem se sentindo. O objeto jardim foi nomeado Zentso. Resumindo as ideias, desenvolvi o seguinte descritivo para a instalação: O jardim representa um estado de tranquilidade. Esse modo de viver, pode ser considerado o mais natural do ser humano. Baseado nos jardins japoneses, que tem por finalidade estimular a reflexão e a espiritualidade, o jardim apresenta uma forma de experienciar esse estado.





O objeto desenvolvido para representar o estado de Alegria foi um balanço. Toda pessoa já foi criança, e toda criança sabe o que é sentir o vento batendo no rosto quando brincando em seu balanço. Assim, o balanço pode ser entendido como possibilidade de reviver momentos de alegria inerentes às brincadeiras da infância, ligados à pureza dessas diversões.

A construção do balanço envolveu o desenvolvimento de uma estrutura de madeira que suportasse o peso de adultos e pudesse ser utilizada por um grande número de pessoas. Resumindo as ideias, desenvolvi o seguinte descritivo para a instalação: Vikki é a representação do estado de Alegria, no qual se inclui a sensação de bem estar, saúde e energia.

Toda pessoa já foi criança, e toda criança sabe o que é sentir o vento batendo no rosto quando brincando em seu balanço. Assim, Vikki pode ser entendido como possibilidade de reviver momentos de alegria inerentes às brincadeiras da infância, ligados à pureza dessas diversões.





Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles; GUATTARI; Félix. Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, volume 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

CANTON, K. Espaço e Lugar. Temas da Arte Contemporânea. Editora Martins Fontes, São Paulo. 2009.

LALANDE, André. Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia. 3ª Edição. Tradução: Fátima Sá Correia. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

IKEDA, Daisaku. Dialogo sobre a vida – II. 1º edição - 1980. Editora Brasil Seikyo Ltda. São Paulo.

SANTOS, Maria de Lourdes dos. Síntese do Budismo. 2º edição – 2003. Editora Brasil Seikyo Ltda. São Paulo.

LEVY, Pierre. O que é o Virtual. Rio de Janeiro. Editora 34, 2003 - 160 páginas.

CLARK, Lygia. <http://www.lygiac Clark.org.br>. Acessado em 07 de novembro de 2011.



Jikkai - Os Dez Mundos

Núcleo de Pesquisa PIPOL
Projetos Integrados de Pesquisa On-Line

Vinicius Matsuei Sinzato
Orientador - Prof. Dr. Dorival Campos Rossi



Design 2011

